

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2024

ANO 9 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: FRED SUNWALK

Fred Sunwalk alcança o mundo com o blues

Com sete álbuns, o bluesman ribeirão-pretano influencia e apresenta sua música em todo o mundo

Repórteres: Leonardo de Oliveira e Gabriel Santana

Nascido em Ribeirão Preto, Fred Sunwalk em seus 23 anos de carreira redefiniu os limites do blues no Brasil. Com um estilo "abrasileirado", o músico vem conquistando fãs por todo o mundo e provando que o gênero pode ser tão brasileiro quanto a bossa nova. Ele trilhou um caminho singular, transformando suas origens e influências em uma sonoridade autêntica que cativa e lota casas de eventos e festivais, levando o blues para os ouvidos das pessoas. Fred começou seu caminho num gênero com pouco espaço no Brasil, a evolução de seu trabalho e consolidação não só nacional mas também internacional, abrindo shows de grandes nomes como Eric Gales e colocando a bandeira brasileira em um estilo tão internacional.



MURAL ENTREVISTA – Como você começou no blues? Quais foram as suas principais influências musicais no início?

FRED SUNWALK – Meus pais sempre escutaram música em casa, meu pai ouvia muito rock internacional como Deep Purple, The Rolling Stones e Eric Clapton, por isso sempre tive essa influência desde pequeno. Já minha mãe era fã de música brasileira e gostava mais de Gal Costa e Chico Buarque. Com o tempo fui desenvolvendo uma preferência pelo rock e o som da guitarra, principalmente pelo Eric Clapton e Pink Floyd. Por volta dos 16, 17 anos peguei um violão e aprendi a tocar. Sou autodidata. Mas, falando em carreira, considero o início dela em 1997, que foi quando comecei a trabalhar como profissional da música.

Quais são os maiores desafios de um artista no Brasil, onde gêneros como o sertanejo e o funk dominam o cenário?

É desafiador porque o blues em si é uma música nichada no mundo, e aqui no Brasil acaba sendo três vezes mais. Porém, é interessante que algumas pessoas vêm conversar comigo após os shows e falam que amaram o estilo que foi tocado, porque o blues em si é muito melódico e emocionante, isso acaba envolvendo as pessoas e por mais que não tenha conhecimento do estilo, ela pega na emoção. O grande desafio é conseguir levar esse estilo musical para as pessoas e quebrar o preconceito, hoje são poucas as rádios que tocam blues, isso acaba dificultando o acesso ao gênero musical.

Como você percebe a evolução do seu som ao longo dos álbuns lançados? Existe um tema ou estilo que molda sua discografia?

Desde o início sempre procurei colocar um pouco de blues, rock e até mesmo um pouco do pop. Mas a partir do meu último álbum, eu consegui condensar todas as influências. Naturalmente, o blues acaba sendo o tempero principal do que faço, tudo que toco vai acabar tendo um solo que puxa para o blues, até mesmo um estilo como o reggae.

Você já se apresentou em festivais nos Estados Unidos e na Europa. Como é a recepção do público estrangeiro ao seu trabalho? Existe uma diferença entre tocar no Brasil e no exterior?

Fiquei surpreso quando comecei a fazer turnê fora do Brasil, eu tinha um pouco de receio, mas pelo contrário do que pensava, fui super bem recebido. Morei nos Estados Unidos e fiz mais de 200 apresentações por lá, chegou um momento que eles me apresentavam

como “brazilian blues man”, sempre deixavam claro quando tinha apresentação minha, pois querendo ou não, do outro lado você acaba sendo uma atração internacional. A principal diferença dos dois lados, é que eles escutam mais, lá fora eles apreciam bastante a apresentação do artista. Aqui no Brasil é uma pegada mais de festa, balada e está tudo bem, não fico incomodado com isso, são situações diferentes.

Como funciona seu processo de composição? Você prefere criar de forma espontânea ou segue uma rotina específica?

Até um tempo atrás eu achava que para compor, precisava estar inspirado, mas entendi que se você faz isso todos os dias, sempre vai ter algo para tirar. Percebi que pegando uma hora por dia para compor, tive bons resultados e entendi que quanto mais você pratica, mais você vai aprimorando. Então, atualmente junto a dedicação com a inspiração para compor.

Qual é o papel do blues no cenário musical brasileiro atual? E o futuro?

O mais interessante é a quebra de preconceito. Os festivais em que tenho tocado, a maioria é gratuito para o público e vai um grande número de pessoas para acompanhar e conhecer. Não tem como retroceder do ponto que está, só vejo crescimento no cenário. Eu sou otimista, porque quando comecei a tocar, você contava em uma mão só os festivais de blues que tinham no país, hoje você precisa de mais de duas mãos. Claro que estou falando de 20, 25 anos depois, mas houve sim um aumento.

Como você se prepara para apresentações ao vivo e qual a importância desses eventos?

Me apresentei em vários festivais grandes, tive alguns momentos marcantes e um dos que mais ficou na minha memória foi em 2000 quando abri o show do Buddy Guy. Abrir o show de uma grande referência fica marcada na história. Além disso, toquei no maior festival de blues de Las Vegas, fiz um solo de guitarra que o público aplaudiu de pé e isso fica na memória. Sobre minha preparação, eu procuro não pensar muito para não gerar expectativa e ansiedade, porque desse jeito sei que não vai fluir naturalmente. Também procuro desenvolver o mesmo show que faria para um público grande, para um barzinho, o respeito pelo público sempre prevalece.

Quais são seus próximos projetos? Podemos esperar um novo álbum ou turnê em breve?

Está na hora de preparar um novo projeto. Meu último álbum foi lançado em 2020. Já estou com músicas compostas. Agora comecei a juntar tudo isso. Acredito que ano que vem eu lançarei meu próximo álbum. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)